

Vitória – Espírito Santo

Ó Abre Alas!

Camila Crivilin de Almeida

Centro Educacional Leonardo da Vinci

Vitória, oito de março de 2013.

Querida Chiquinha,

Antes de qualquer coisa, devo lhe dizer que desde minha infância sonho com esse momento de materialização do que antes era tratado como um simples devaneio: a concretização da comunicação com o passado. Sinto-me orgulhoso de ser um dos pioneiros nesse projeto tão desafiador.

Ainda me lembro da primeira vez em que escutei a célebre marchinha de Carnaval de Francisca Edwiges Neves Gonzaga “Ó Abre Alas”. Comecei a cantarolar a letra como se fosse um velho mantra conhecido. Chiquinha Gonzaga. Minha tataravó. É com grande orgulho que proclamo aos meus conhecidos, o meu parentesco, ainda que distante, com uma das mulheres mais importantes da História Brasileira. Emociono-me ao recordar a bela e suave voz de minha mãe ao pé do meu ouvido cantando baixinho “Lua Branca”. Seus olhos azuis brilhavam intensamente, ora olhando em minha direção, ora fitando o seu antigo retrato pendurado na parede do meu quarto. Eu implorava que repetisse a canção. Os seus lábios permaneciam imóveis, mas seu olhar sorria. Então, ela se rendia aos meus desejos e sussurrava só mais uma vez aqueles versos tão conhecidos. Havia uma deliciosa cumplicidade entre nós que compartilhávamos ao som de antigas canções da música brasileira. Coisa de mãe e filho.

As reminiscências mais vívidas de minha infância são os sons que ouvia quando criança. Os passos delicados de minha mãe no assoalho de nossa casa na calada da noite e a sua voz terna cantarolando as composições da senhora. Ainda adolescente, perdi a mulher mais inspiradora que conheci em toda a minha vida. Quantas vidas, em trinta e dois anos, viveu Ana? Esse era o nome de sua bisneta, Chiquinha. Falecida há anos, essa grande mulher contou-me toda a notável trajetória de sua bisavó. Infelizmente, a violência doméstica vitimou minha mãe. Ela sentia-se envergonhada e humilhada pelos atos cometidos por meu pai. Não teve coragem de contar às pessoas a violência sofrida dentro de sua própria casa. Pagou caro o preço do silêncio, mas deixou um legado notável para as mulheres do seu tempo. Ana, apelidada carinhosamente pelo meu avô como Anita, sofreu com os menosprezos, com as afrontas e com os ultrajes impostos pelo dito “homem da família”. Padeceu diante de tanta brutalidade e agressões diárias. Ao colocar a cabeça no travesseiro todas as noites, as brigas constantes e os gritos estridentes ainda me dão pesadelos. Um triste fim para o que parecia um conto de fadas destinado ao sucesso.

Advogado, casado e com duas filhas, a lembrança materna torna-se cada dia mais nítida e presente no meu dia-a-dia. Não compactuo com aqueles que julgam a humanidade

como um mundo masculino, onde às mulheres restam os papéis de subserviência, como se fossem meras figurantes. No palco da vida, as mulheres não devem entrar mudar e sair caladas como muitas, ao contrário, elas têm que participar ativamente na construção de uma sociedade mais justa e igualitária para todas. Por meio desta carta, alegro-me ao lhe contar que as mulheres alcançaram enormes conquistas na sociedade contemporânea. A mulher do século XXI preocupa-se muito mais com a sua realização pessoal, profissional, intelectual, sexual e afetiva.

Impossível descrever como seria a história da música popular brasileira sem Chiquinha Gonzaga. Além disso, a Abolição da Escravatura, a Proclamação da República e a Guerra do Paraguai são alguns dos episódios marcantes da sua vida que andam lado a lado com a História do Brasil. Ao analisar a legislação da época, descobri um fato que deixou-me abismado. A Constituição não identificava a mulher como cidadã. Portanto, não era reconhecida como participante da vida pública do país. Como você certamente há de se recordar, a leitura da obra literária de Manuel Antônio de Almeida “Memórias de um Sargento de Milícias”, cuja história ocorre no mesmo período, exemplifica essa condição de inferioridade da mulher na sociedade: - Vai... vai... exclamou a Maria já de novo em segurança, pondo as mãos nas cadeiras que o caso não há de ficar assim... pôr-me as mãos!... ora... vou com isto à justiça!... - É melhor não se meter nisto, comadre... sempre são negócios com a justiça... o compadre é seu oficial, e ela há de punir pelos seus. (ALMEIDA, s/d: 14-15). A violência doméstica presente no século XIX perpetua-se ao longo das décadas até chegar ao século XXI.

Minha querida tataravó, meus lábios esboçam um discreto sorriso ao lhe contar que, em maio de 2012, a primeira mulher presidente do Brasil, Dilma Rousseff, sancionou a Lei que instituiu o Dia Nacional da Música Brasileira, em 17 de outubro. Data de nascimento da maior personalidade da música popular brasileira, Dona Francisca Edwiges.

Às vezes, passa pela minha cabeça o seguinte devaneio: será que no final das contas, o que toda mulher procura é a felicidade no amor eterno e de um príncipe encantado em sua vida? Será que os anseios e questionamentos da mulher contemporânea são os mesmos da mulher do século XIX?

Por fim, aguardo ansiosamente pela sua carta de resposta e sonho com o dia em que uma máquina do tempo a traga para a Vitória do século XXI para que a senhora conheça as mulheres-chiquinhas que se dão o direito de pensar e de agir por si mesmas. Mulheres que não se intimidam diante do que os outros podem pensar ou dizer delas. Mulheres que ainda conseguem se indignar frente à violência e às injustiças. Mulheres que têm coragem de amar na plenitude de suas emoções.

Com carinho,

João Gualberto.